

**ME VEJO NO QUE VEJO: A RELAÇÃO ENTRE CIDADE E IDENTIDADE
– UMA REFLEXÃO À EDUCAÇÃO AMBIENTAL.**

Fabiane Pianowski - FURG/RS

*Me vejo no que vejo
Como entrar por meu olho
Em um olho mais límpido*

*Me olha o que eu olho
É minha criação
Isto que vejo*

*Perceber é conceber
Águas do pensamento
Sou a criatura
Do que vejo*

(Octavio Paz)

Partindo do pressuposto de que “somos as criaturas do que vemos”, a pesquisa desenvolvida no programa de pós-graduação (mestrado) em Educação Ambiental assumiu como elemento teórico central a questão da identidade, que resulta na ação de reconhecimento, valorização e conservação ou não do que se está ao redor, objetivando com isso responder à questão de que a degradação da cidade e da natureza tem como principal aliado a falta de identidade dos indivíduos em relação a estes ambientes, que são vistos como algo exterior e distante, sobre os quais não possuem nenhuma responsabilidade, outorgando-a na grande maioria das vezes aos órgãos e instituições públicas.

A cidade de Rio Grande (RS) é o foco da análise, pois é nela que se tenta desvendar sob que parâmetros foram estabelecidas as relações da questão central da pesquisa, a saber, a relação entre identidade e meio ambiente (natural e construído), na tentativa de descobrir em que medida a configuração espacial-arquitetônica desta cidade é um índice revelador do processo de construção da identidade do município e em que termos esta análise permite a reflexão a respeito do papel da identidade na educação ambiental.

Educação_Cidade: a emergência do novo

A fundamentação teórico-filosófica em educação ambiental que subsidiou a pesquisa e que foi desenvolvida com o objetivo de pensar a questão da identidade *versus* cidade sob a perspectiva ambientalista, teve como parâmetros a abordagem política, pedagógica, ética e social, a fim de abarcar a amplitude temática do tema em questão. Posteriormente, considerando a amplitude de ação da educação ambiental e da ecologia traçou-se uma justificativa pelo enfoque da cidade e da identidade como alvo de ambas, na busca de uma saída para a restauração e preservação da cidade subjetiva e para o restabelecimento dos vínculos do homem com a natureza.

Afinal, o homem moderno carrega o estigma de ter se afastado da natureza a ponto de não mais se reconhecer nela. Sua atitude é de alienação do mundo e de si mesmo, sentindo-se como que deslocado, em descompasso com o mundo que o rodeia; ou, ao contrário, sentindo que o mundo circundante é que está descompassado em relação ao seu ritmo. Há nesta relação um desconforto que gera a crise. Crise que leva ao caos. O caos amplia a ruptura, que aumenta a crise, que adensa o caos... Configura-se um moto-contínuo que levaria à autodestruição, não fossem os movimentos tangenciais à engrenagem que desviam o fluxo e promovem o ajuste responsável pela manutenção da vida.

O pensamento ecológico/ambientalista - que se propagou na década de 60, ganhando densidade e volume nos dias atuais – coloca-se como um desses movimentos tangenciais que interferem no giro na tentativa de reverter a ruptura homem/mundo: é o novo que emerge. E é sob a concepção do pensar ecológico/ambientalista como um novo ser/estar do homem no mundo que se embasa toda esta pesquisa.

Natureza_Cidade: processo de distanciamento

A abrangência dos termos cidade e natureza pode resultar em equívocos. Desse modo, faz-se necessário que suas definições estejam bem delimitadas, deste modo, é fundamental a conceituação dos termos cidade e natureza. Nesse sentido, assumiu-se

cidade sob três aspectos: 1. na relação de alteridade com o campo, com o que não é construído pelo homem, ou seja, com a natureza; 2. a partir da relação do homem com os outros homens através das atividades de troca e produção e, finalmente, a cidade como escrita, que fixa a história que carrega e simultaneamente desenvolve na sua própria configuração arquitetônica-espacial. O termo natureza, por sua vez, assumido no presente trabalho, se dá em contraponto ao termo cidade, sendo o definido por Chauí (2000) como “tudo o que existe no Universo sem a intervenção da vontade e da ação humanas”.

De posse destes conceitos foi possível, então, descrever a história da constituição da cidade e a forma como se deu o afastamento do homem em relação à natureza, no decorrer deste processo, delimitando-se a história da cidade em contraposição à idéia de natureza em cinco momentos, a saber: cidade e suas origens; cidade política; cidade comercial; cidade industrial e cidade pós-industrial/pós-moderna. Para se chegar, finalmente, a constatação de que, na cidade pós-industrial que se apresenta neste início de século, o modo como o homem vê a natureza e tenta se reconectar com ela, ainda se dá pela coisificação – a natureza como objeto de desejo e de consumo – e não pela identificação com a mesma. Sendo o resultado disso a contínua criação de parques, praças, ajardinamentos – “paraísos artificiais” - simulacros de uma nova raridade – para citar Lefebvre (1999). Isso sem falar nas flores de plástico, que não morrem.

Rio Grande_Cidade: (des)construção de uma identidade

Para organizar e facilitar o entendimento da história da arquitetura e da ocupação do espaço de Rio Grande, foi feita uma classificação arquitetônica baseada nos períodos socioeconômicos vivenciados pela cidade. Essa classificação, concebida a partir de Reis (1987) e Segawa (1999) que descrevem a história da arquitetura brasileira, foi amparada pelos períodos socioeconômicos descritos por Vieira & Rangel (1983) na caracterização geográfica do município de Rio Grande e por Salvatori *et al* (1989) na análise dos motivos do crescimento horizontal do município. O resultado dessa junção foi a

descrição da história arquitetônica da cidade em cinco fases: colonial – período da posse consolidada (1750-1850); neoclássica – período do comércio atacadista de importação e exportação (1850-1920); eclética – período de industrialização (1870-1920); moderna – período da modernização industrial (1920-1950) e contemporânea – período do Superporto e do Distrito Industrial (a partir de 1970).

Esse histórico arquitetônico/cultural da cidade de Rio Grande foi reconstituído objetivando o estabelecimento das diferentes fases em que o perfil identitário do município foi sendo construído, a fim de poder reconhecer a cidade que compartilha conosco este mesmo tempo e espaço como a delgada e invisível Sofrônia de Italo Calvino (1990). Sendo a Rio Grande contemporânea também constituída por duas meias cidades: a industrial e a operária, antagonicamente dependentes. Ao mesmo tempo em que a Rio Grande industrial se afirma nos seus monumentos, como, por exemplo, o pórtico da cidade que tem a forma de uma máquina de costura, para lembrar o papel marcante das indústrias têxteis; ou na megalomania das denominações: Superporto e Distrito Industrial. A Rio Grande operária desconsolida-se na condição socioeconômica inferiorizada, na falta de aqerenciamento da população, na fragmentação urbana, nas barreiras socioambientais e na massificação globalizante promovida pela mídia. São estes os fatores que, solitária ou conjugadamente, vêm bombardeando a identidade rio-grandina, propiciando um alienamento da população em relação à sua habitação. Não se sabe se por infortúnio ou por sorte – pois a realidade contrária é desconhecida - foi a segunda Rio Grande (a operária) que se materializou. E nas suas ruas, “para quem quiser passar”, estão casas que repetem incessantemente a carência de significação estética, lixo que se acumula na sombra de árvores ausentes, casarões mais velhos do que antigos e uma orla banhada pelo esquecimento.

Ambiente_Cidade: perspectiva sustentável

Ao se buscar entender a identidade, através da leitura do texto urbano rio-grandino, é visível não só a sua fragmentação, como também a falta de vínculos éticos com

o ambiente que compõe esta urbe, seja ele natural ou cultural. Resgatar esses vínculos sem negar a pluralidade identitária decorrente da fragmentação característica do contexto atual – “dando lugar aos processos de singularização, de criação da própria existência” (PEREIRA, 1997:43) - é o desafio para a construção de uma Rio Grande sustentável. Neste sentido, faz-se necessário restaurar a “Cidade subjetiva” defendida por Guattari (1992:170), por esta engajar “tanto os níveis mais singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos”. Portanto, a educação ambiental, enquanto instrumento para o restabelecimento do respeito e da responsabilidade do homem em relação a si e a sua habitação, não só deve priorizar a problemática urbana, por esta ser, segundo Guattari (1992:173), o “problema-cruzamento das questões econômicas, sociais e culturais”, como também deve atuar muito mais *na e pela* subjetividade.

Nesse sentido, foram expostas algumas contribuições, embasadas na dimensão histórica enquanto determinante da postura ética das ações de educação ambiental, à proposta já desenvolvida na cidade de Rio Grande pelo Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA. Essa ONG desenvolve e aplica uma metodologia interdisciplinar em educação ambiental que integra as ciências do ambiente, as artes e a educação psicofísica, sendo que sua sistematização se dá na forma de ondas geradoras de conteúdos e atividades que, segundo Crivellaro *et al* (2001), partem de uma micro para uma macroconcepção – eu-outro-natureza-universo – de maneira em que é possível se trabalhar a questão da identidade de forma individual, coletiva e planetária.

Considerações finais

O presente trabalho demonstrou que uma das formas possíveis de se pensar a questão da identidade se faz através da leitura arquitetônica/espacial da cidade, sob a perspectiva histórica e ecológica, permitindo a verificação/constatação do afastamento do homem moderno do ambiente natural, uma vez que a construção da cidade se dá de forma dialógica com a construção da identidade. Para que isso se torne viável, a cidade deve ser

pensada além de sua forma. Desse modo, deve-se estudar a cidade "por dentro", ou seja, refletir sobre sua natureza, considerar seu conteúdo e seus processos; voltar-se para uma dimensão específica da cidade: a sua dimensão visual/espacial, que se configura como o espaço da realização física/concreta das relações sociais e da subjetividade humana.

A cidade é como um imenso alfabeto que permite, a cada momento, uma nova construção de palavras e frases. É viva, pulsante. Ao mesmo tempo, transformadora e transformante. E querer conhecer a identidade que constrói uma cidade é tentar descobrir a cidade subjetiva.

A degradação da cidade e da natureza é a forma como a identidade se faz em relação a esses ambientes. Como afirma Lynch (1997), “nossa imagem ambiental ainda é uma parte fundamental de nosso instrumental de vida, mas hoje, para a maioria das pessoas, talvez seja muito menos expressiva e particular”. Desejos, devires e sonhos criam um duplo virtual, que se faz tão subjetivo quanto real. As coisas são a idéias que temos delas, elas em si não existem. Do mesmo modo, a cidade real é criada por seu duplo virtual, sendo ela o reflexo da visão de mundo coletiva de seus habitantes, ou seja, a identidade desta ou daquela comunidade. Assim, não só o espaço urbano, como as estruturas que o compõem, a sua dimensão arquitetônica e histórica, refletem a relação do homem com o mundo natural ou construído.

Conhecer o processo histórico pelo qual passou a civilização ocidental possibilita a compreensão das atitudes que se tem perante o mundo no momento atual. Voltar ao passado a cada passo para o futuro faz com que as ações do presente sejam mais conscientes e responsáveis, pois, a dimensão histórica fornece o arcabouço de valores que regem as relações entre as sociedades e o meio ambiente, ou seja, “o passado fornece a própria base operacional de compreensão do presente” (GRÜN, 1996, p.103). Pois, como afirma Lepetit (2001, p. 153), “devemos deixar de considerar que o passado está concluído para, ao contrário, dar vida as suas potencialidades não realizadas”.

Desse modo, uma das preocupações constantes da educação ambiental deve ser a consciência da relevância do processo histórico na realidade atual, resgatando os

valores que se perderam ou ficaram esquecidos, pois somente a partir deste entendimento pode-se assumir uma nova postura na construção do futuro que o momento presente idealiza.

A educação ambiental é um instrumento fundamental no restabelecimento dos vínculos entre o homem e a natureza, dissociados por este processo, pois através dela é possível restaurar e preservar a cidade subjetiva, objetivando a construção da cidade sustentável.

Desse modo, tentar desvendar e solucionar pela educação ambiental a intrincada rede de relações que envolve identidade e cidade, considerando a dimensão histórica que a acompanha, é dar um pequeno passo a fim de buscar uma saída ao mundo que se coloca atualmente de forma tão caótica e desesperadora. Tal processo permite descobrir, nas tênues entrelinhas dessa relação, propostas ecológicas de mudança para que o homem possa se reconectar consigo mesmo e com o mundo. Descobrir o ser/estar do homem no mundo, pela via ecológica, possibilita-lhe o (re)conhecimento de sua habitação a fim de preservá-la. Pois, como afirma Castro (1992), “ser ecológico é dar lugar ao poeta e ao pensador de cada ser humano”.

Referências

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, M. A. de. *Ecologia: a cultura como habitação*. In: SOARES, Angélica (org.). *Ecologia e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CRIVELLARO, C.V.L.; MARTINEZ NETO, R.; RACHE, R.P. *Ondas que te quero mar: educação ambiental para comunidades costeiras: Mentalidade Marítima: relato de uma experiência*. Porto Alegre: Gestal/NEMA, 2001.

GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. Campinas: Papyrus, 1996.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

LEFEVBRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LEPETIT, B. *Por uma nova história urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001.

ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEREIRA, W.C.C. Ecologia social: produção da alteridade urbana. In: ANAIS. *A cidade vivente*. Belo Horizonte: Instituto Félix Guattari, 1997. p. 41-7.

REIS, N. G. F. *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

SALVATORI, E.; HABIAGA, L.A.G.P.; THORMANN, M.C. Crescimento horizontal da cidade do Rio Grande. *Revista Brasileira de Geografia – IBGE (Rio de Janeiro)*, v.51, p. 27-71, 1989.

SEGAWA, H. *Arquitetura no Brasil: 1900-1990*. São Paulo: EDUSP, 1999.

VIEIRA, E.F. & RANGEL, S.R.S. *Rio Grande: geografia física, humana e econômica*. Porto Alegre, Sagra, 1983.